

# Criação e tradição: um diálogo mediado pela arte contemporânea

*Creation and tradition: a dialogue mediated by contemporary art*

LEIDE FAUSTA GOMES DA SILVA\*

Artigo completo submetido a 10 de maio de 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

\*Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos — PAF IV, Mestrado Profissional em Artes. Rua Barão de Jeremoabo, PAF IV, S/N, Ondina, CEP40170-115, Salvador-Bahia, Brasil. E-mail: leidefausta@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo descreve de maneira sucinta um projeto de trabalho, no qual se procurou articular o cotidiano dos (as) educandos (as), neste caso uma manifestação cultural, aos processos criativos, realizados nas aulas de artes visuais. Foram desenvolvidos práticas em sala de aula e em espaços fora da escola, entre elas estudo de campo com entrevista, produção estético-artística e intervenção. Finaliza-se o texto com a expressão dos resultados obtidos na proposta desenvolvida.

**Palavras-chave:** Cultura local / Arte contemporânea / Cotidiano / Experiências artísticas e estéticas.

**Abstract:** *This article describes in a succinct way a project of work, in which one tried to articulate the daily life of the students, in this case a cultural manifestation, to the creative processes, realized in the classes of visual arts. Practices were developed in the classroom and in out-of-school spaces, among them field study with interview, aesthetic-artistic production and intervention. The text ends with the expression of the results obtained in the proposal developed.*

**Keywords:** *Local culture / Contemporary art / Daily / Artistic and aesthetic experiences.*

## Introdução

O presente artigo apresenta e discute práticas educativas em artes visuais realizadas em espaços escolares e alternativos, baseadas nos princípios da arte contemporânea buscando aproximar a vida cotidiana dos (as) educandos (as) aos conhecimentos previstos no currículo institucional. Tais práticas tiveram como fio condutor a cultura local, especificamente a manifestação das Caretas, “bloco” tradicional que desfila no carnaval, mas que permeia o cotidiano da comunidade, uma vez que sua organização, preparação, produção das máscaras e vestimentas podem ocorrer durante o ano inteiro. As práticas promoveram pesquisa de campo, momentos de reflexão, ressignificação e reinvenção por meio de ações criadoras. O trabalho foi desenvolvido com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, em 2016, na Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte/BA-Brasil.

Procuramos integrar a escola e o mundo fora dela e isso foi possível a partir das expressões da arte contemporânea, articulando a tradição e a criação, tendo a sala de aula e a rua como espaços possíveis de arte-educação. Entendendo a arte como parte da vida, e nessa perspectiva passa-se a ocupar outros espaços, para além dos museus e galerias.

As práticas educativas basearam-se nas concepções de educação de Paulo Freire no que concerne a valorização dos conhecimentos trazidos pelos (as) educandos (as), a importância do diálogo e da troca de saberes. Como também, foram inspiradas no pensamento de Lygia Clark, com a ideia do artista propositivo, o qual provoca o público a interagir, a participar da obra de arte.

O projeto percorreu o seguinte itinerário: seleção da manifestação cultural a ser trabalhada e escolha de pessoa da comunidade a ser entrevistada; divisão dos grupos de trabalho e elaboração das perguntas; realização da entrevista; conversação em sala para trocar saberes e compartilhar impressões; exposição participada e discussão sobre arte e interação do público; criação artística dos objetos de mediação e por fim a intervenção urbana.

## Práticas educativas

O processo realizado transitou pelos caminhos da tradição cultural e da criação, mediados pela arte contemporânea, onde foi possível estabelecer novas formas de pensar e experimentar o ensino da arte proporcionando às práticas destacadas a abertura de espaços para executar representações visuais incluindo a cultura dos sujeitos e suas poéticas pessoais.

Ao partirmos do pressuposto de que a arte está presente em nossa vida cotidiana, o que amplia as possibilidades de trabalharmos artes na escola, é cabível

trazermos a fala Flávia Maria C. Bastos ao dizer da relevância de ocuparmos espaços alternativos, tais iniciativas fomentam “um relacionamento mais estreito entre arte/educação e comunidade [...] que parte da valorização da cultura local e dos recursos existentes e disponíveis” (Bastos, 2005:227).

A partir da observação em diferentes momentos na sala de aula constatei o interesse dos (as) educandos (as) pela tradição das Caretas de Praia do Forte, seja pelo imaginário construído desde a infância ou mesmo pela vivência em comunidade.

As práticas educativas foram as seguintes: roda de conversa para decidirmos quem seria entrevistado; trabalho em grupos para elaboração de questionário; compartilhamento das questões feitas com a turma; execução da entrevista; avaliação e autoavaliação da entrevista; estudo e discussão sobre a arte e a interação do público; criação de máscaras-objeto e intervenção em rua.

No livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” Paulo Freire afirma que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 2000:33), nesta perspectiva se desenvolveu o trabalho com a cultura local como disparadora das estratégias pedagógicas, além da escuta aos interesses e desejos da turma.

Os (as) educandos (as) escolheram para ser entrevistado o Sr. Ulisses, por ele ser um dos careteiros mais antigos da comunidade. Em grupo foram elaboradas as perguntas que fizeram parte do questionário de entrevista (Figura 1). As questões envolveram três categorias, nas quais os (as) educandos (as) optaram pelo tema que mais lhe interessava: História/Origem, Processos de construção e Acontecimento/Curiosidades.

O momento da elaboração das perguntas foi fundamental para eles (as) refletirem a respeito da manifestação expressando seus conhecimentos e vivências sobre a temática. Desde o início percebi o entusiasmo deles (as) em trocar suas experiências com os colegas da turma.

Durante a conversa com o entrevistado, os (as) educandos (as) ficaram envolvidos de tal maneira que escutavam com atenção e faziam perguntas que surgiam a partir da explanação do anfitrião, não se limitavam ao questionário elaborado (Figura 2). Ficamos encantadas (os) com a forma que o Sr. Ulisses expunha suas vivências, ele explicou detalhadamente o processo de construção das máscaras, teve um momento que ele pegou algumas delas para ilustrar sua explanação (Figura 3).

No que concerne à pesquisa da tradição das Caretas, vale destacar que tanto na elaboração das perguntas para entrevista, quanto na conversa com Sr. Ulisses os (as) educandos (as) puderam refletir sobre suas experiências, interpretar

seus sentimentos e relembrar sua memória sensorial e afetiva em relação à manifestação estudada. Como também, tiveram a oportunidade conhecer o olhar dos mais velhos, além de revisitar seu próprio imaginário, percebendo o que há em comum entre eles e os que constituem o imaginário coletivo local. Ao final, a entrevista se transformou em um bate-papo, uma roda de conversa, acredito que isso aconteceu pelo fato do tema tratar de um elemento constituinte da identidade dos (as) educandos (as), pela presença e envolvimento de todos (as) nós, uma conexão se estabeleceu.

Foi desenvolvida uma reflexão individual, para articular os conhecimentos prévios, como interpretavam e como percebiam as caretas, com o que aprenderam de novo e com o que mudou na sua concepção a respeito da manifestação. Compartilhando assim, a aprendizagem com a turma, onde juntos compreendemos a máscara neste universo.

Ao finalizarmos a fase de pesquisa e investigação em estudo de campo, partimos para a próxima etapa que teve como intenção propiciar experiências com a mediação cultural, entre a tradição local e o público, nela as (os) educandas (os) foram as (os) propositoras (res) na ação com o público: criaram o objeto de mediação, provocaram os (as) transeuntes a participarem e conversaram sobre as Caretas. Segundo Mirian Martins

*a mediação cultural pode ser o espaço da conversação, da troca, do olhar estendido pelo olhar de outros que não elimina o sujeito leitor, seja ele quem for [...]. O convite da mediação não é a adivinhação ou a explicação, mas a decifração, a leitura compartilhada, ampliada por múltiplos pontos de vista. (Martins, 2011:315)*

Desta forma, podemos alargar nosso repertório cultural, uma vez que o encontro favorece a expressão de diferentes leituras e a construção de múltiplas conexões.

As caretas não são meramente um bloco que desfila durante o carnaval, mas sim uma manifestação que constitui a cultura local da vila, que permeia o cotidiano das pessoas. Herança, legado dos escravizados que viveram na região, e que merece ser considerada como preservação da memória coletiva e do patrimônio imaterial. Porém é importante destacar que a cultura passa por transformações ao se associar com a contemporaneidade, surgindo novas características ou a incorporação de novos elementos, relacionando com isso, o que foi herdado com as novas experiências dos (as) envolvidos (as).

Para iniciarmos a produção estético-artística e intervenção foi feita uma exposição participada e discussão sobre arte e interação do público, com apresentação em *PowerPoint*, para que pudéssemos conhecer artistas que trabalharam



**Figura 1** · Educandos (as) em grupo elaborando questionário. Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte-Bahia. Fonte: própria.

**Figura 2** · Educandos (as) fazendo perguntas ao entrevistado. Fonte: Própria.



**Figura 3** · Sr. Ulisses explicando para a turma a feita das máscaras. Fonte: própria.

**Figura 4** · Educandos pintando máscaras depois de as terem desenhado. Fonte: própria.



**Figura 5** · Educandas da Escola Municipal São Francisco, fazendo a pintura das máscaras-objeto.  
Fonte: própria.

**Figura 6** · Máscaras-objeto. Intervenção na rua, Praia do Forte-Bahia. Fonte: própria.

e trabalham nesta perspectiva, como Ligia Pape, Hélio Oiticica e Lygia Clark, com as ideias do artista proponente e a “quebra da moldura”, isto é, o rompimento do que distancia a obra do público e do espaço.

Juntos, tratamos de assuntos procedimentais para a criação das máscaras-objeto. Partimos para a feitura em si, desenho e pintura das máscaras inspiradas na estética das Caretas de Praia do Forte — acessando assim, sua memória, sua subjetividade e o imaginário coletivo — foram materializadas, utilizando como suporte papelões reutilizados (Figura 4 e Figura 5).

Após conclusão das máscaras, realizou-se uma intervenção na rua, onde os (as) educandas propuseram uma experiência sensível aos (as) passantes, os quais foram convidados a criarem suas próprias máscaras a partir dos fragmentos, eles (as) desenvolveram uma mediação cultural, ao passo que dialogavam a respeito das caretas, contando a história, como era o processo de construção das máscaras, curiosidades e como acontecia o desfile durante o carnaval. Percebi que eles (as), falaram muito do que aprenderam na entrevista (Figura 6, Figura 7 e Figura 8).

Na perspectiva da arte contemporânea, enfatizando a ideia de proposição, não dá mais para ficarmos inertes diante da obra de arte, o público é provocado a interagir, a complementar a obra, e foi isso que ocorreu com a intervenção realizada na rua. Inspirada no experimentalismo de alguns artistas brasileiros, em especial Lygia Clark, da qual apreciamos obras de arte e objetos que instigavam a interação, como os “Bichos”, além de, refletimos sobre a temática a partir de um trecho do Livro-obra, intitulado “Nós Recusamos...” escrito em 1966, da artista que diz o seguinte:

*[...] Recusamos o espaço representativo e a obra como contemplação passiva; recusamos todo mito exterior ao homem; recusamos a obra de arte como tal e enfatizamos o ato de realizar a proposta; recusamos a duração como meio de expressão. Propomos o momento do ato como campo de experiência. Num mundo no qual o homem se fez estranho a seu trabalho, nós o incitamos, através da experiência, a tomar consciência da alienação em que vive; recusamos toda transferência no objeto — inclusive no objeto que pretendesse somente realçar o absurdo de toda expressão; recusamos o artista que pretende transmitir através de seu objeto uma comunicação integral de sua mensagem, sem a participação do espectador. [...]. (Clark, 1966)*

O Livro-obra mencionado fundamentou nossa prática e traduz nossa intenção ao provocarmos ao público encontros com a arte e a cultura das caretas na comunidade, como também vivenciaram uma experiência estética, quando se mobilizaram a criar suas próprias máscaras.

A mediação cultural estimulou o diálogo entre os objetos e o espectador de



**Figura 7** · Turma mediando o encontro entre transeuntes e a cultura local. Fonte: própria.

**Figura 8** · Intercâmbio de experiências com participante da mediação cultural. Fonte: própria.

diversas maneiras, sabendo que cada um tinha seu repertório cultural, sua história de vida, dando à interação com o objeto um sentido único de interpretações e conexões.

É relevante destacarmos aqui, as respostas dadas pelos (as) participantes da intervenção às provocações de experimentação, uma vez que estamos falando de mediação cultural, precisamos pensar sobre ambos os vieses. Os participantes se divertiram, demonstraram satisfação em estar ali interagindo com a turma.

Merece atenção o fato de como o elemento lúdico mexe com as pessoas, tiveram alguns que ficaram quase vinte minutos, construindo e desconstruindo, criando e recriando suas próprias máscaras. Muitos ao se despedirem agradeceram pela experiência e elogiaram o trabalho dos (as) educandos (as). A partir dessa vivência nascem as questões: Qual o papel da arte na nossa vida? Ela pode melhorar a cidade, o dia-a-dia das pessoas?

Para Katia Canton (2009:35), “no emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo”. E foi assim que se deu a troca de vivências e sentidos, na mediação cultural, na qual aconteceram intercâmbios entre os participantes e a turma.

Com a intervenção os (as) educandos (as) puderam ainda, exercitar habilidades de comunicação em público, alguns deles foram mais tímidos e contidos ao mediar a interação das pessoas com os objetos, porém estiveram presentes, e na roda de conversa final, reconheceram seus limites, afirmando que poderiam ter se esforçado mais.

Em decorrência das práticas pedagógicas, o simbólico, estabelecido pelos aspectos da cultura e da tradição; e o imaginário representado pelo indivíduo e pela criação, se encontraram e foram expressas e experimentadas durante o processo criativo. Essa articulação foi muito relevante, penso que a motivação e a satisfação pelas aulas, se deram por conta desse entrelaçamento, no qual os (as) educandos (as) tiveram a oportunidade de valorizar e fortalecer a cultura comum, e ao mesmo tempo, exercitar o potencial criativo individual. Segundo Fayga Ostrower “o criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam” (Ostrower, 2010:5), demonstrando que o ato de criar é inerente à vida.

### **Considerações finais**

Através das práticas educativas foi possível perceber que a arte contemporânea permite a desmitificação da tradição como algo imóvel e impermeável, podemos sim refletir sobre nossa cultura e até propor novas releituras, agregar novos

valores, como também reinventá-la. Os símbolos que derivam da cultura popular são transmitidos e vivenciados, na maioria das vezes espontaneamente, a partir das relações que se estabelecem no dia-a-dia entre os coletivos e as ressignificações individuais.

Ao refletir sobre a amplitude de possibilidades que a arte atual proporciona, surgiram as indagações: Será que as aulas precisam acontecer somente nas salas da escola? Podemos nos apropriar de outros espaços? Quais os espaços que temos como alternativa? Quais as contribuições da utilização de diferentes espaços para o processo ensino-aprendizagem em artes?

Com as ações desenvolvidas os (as) educandos (as) puderam, materializar suas poéticas pessoais, fortalecer os processos colaborativos, pensar criticamente à respeito da arte, ampliar conhecimentos de procedimentos artísticos, ter vivências estéticas e refletir sobre o cotidiano e a cultura a qual participa. Isso demonstra a potência e a gama de possibilidades educativas ao trabalharmos a arte do nosso tempo no contexto escolar.

### **Referências**

- Bastos, Flávia Maria Cunha. (2005). "O perturbamento do familiar: Uma teoria para a Arte/educação baseada na comunidade." In: Barbosa, Ana Mae. *Arte/educação: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez.
- Canton, Katia. (2009). *Espaço e lugar*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Clark, Lygia. (1966). *Nós Recusamos... Livro-obra*. Disponível em: <[http://www.lygiaclark.org.br/arquivo\\_detPT.asp?idarquivo=24](http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=24)>. Acesso em: 07 de março 2017.
- Freire, Paulo. (2000). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Martins, Mirian Celeste Ferreira Dias (2011). "Arte, só na aula de arte?" *Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 3:311-316, set./dez.. [Consult. 2016-03-17]. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9516/6779>>.
- Ostrower, Fayga. (2010). *Criatividade e Processos de Criação*. 25. ed. Petrópolis: Vozes.